



ROGÉRIO MARTINS
Universidade Nova
de Lisboa
roma@fct.unl.pt

A MATEMÁTICA COMO MEDIDA DE INTELIGÊNCIA

A matemática é frequentemente vista pela sociedade em geral como um teste de inteligência. Isto tem vantagens e inconvenientes para a imagem desta no cidadão comum. Confesso que não sei quais deles pesam mais...

Se a sua profissão está relacionada com a matemática ou obteve algum grau académico na área, seguramente já lhe aconteceu dizer este facto a alguém não ligado ao meio e ver uma reacção do outro lado de alguém que diz ou pensa algo do género: “Uau, deves ser muito inteligente!” A verdade é que, para o bem ou para o mal, a capacidade de entender ou fazer matemática é vista pela sociedade em geral como uma medida de inteligência.

Não creio que a matemática seja uma medida fiel das nossas capacidades intelectuais, por várias razões.

Em primeiro lugar, aquilo a que se pode chamar inteligência tem várias facetas, e só algumas delas são exploradas pela atividade matemática. Veja-se, por exemplo, a chamada inteligência emocional, mais relacionada com capacidades sociais. A habilidade para a matemática não tem de estar necessariamente (embora possa haver ligações) relacionada com esta faceta do ser humano. A atividade matemática acaba geralmente por conter períodos de isolamento, por exemplo, de estudo ou de escrita. Seja porque as pessoas que escolhem fazer matemática já têm alguma capacidade de isolamento ou porque a matemática as leva a isso, a verdade é que é mais ou menos conhecida uma pequena tendência entre os matemáticos para serem pouco hábeis para atividades sociais. Como dizia um amigo meu, nos congressos de matemática, nos intervalos da primeira metade do congresso fala-se da viagem de ida e na segunda metade fala-se da viagem de regresso.

Em segundo lugar, creio que somos todos muito parecidos quanto à capacidade para fazer matemática. Na minha opinião,

a distribuição da capacidade de fazer matemática no ser humano é semelhante a muitas outras características físicas e psíquicas. Veja-se, por exemplo, a capacidade de jogar basquetebol: praticamente todas as pessoas podem aprender a jogar basquetebol, claro que há jogadores naturais, porque têm mais de dois metros, e também há anões para quem este jogo nunca será o seu forte, mas a maioria da população pode jogar ou, pelo menos, aprender a jogar de uma forma razoável. A distribuição da capacidade para a matemática não deve de ser muito diferente, de facto ao longo dos últimos vinte anos em que fiz matemática, nunca conheci nenhum matemático de “quatro metros de altura” (embora já tenha conhecido alguns de “dois metros de altura”), creio mesmo que se me cruzasse com os chamados génios do passado, não iria ver gigantes de “quatro metros”. Tal como um desses génios dizia, “a genialidade é 1% inspiração e 99% transpiração” e trabalhar, em princípio, quase toda a gente pode deste que esteja motivada para isso. Assim, mesmo que a capacidade de fazer matemática seja o reflexo de uma inteligência lógica, seja porque já nascemos com o dom da habilidade para a matemática ou porque treinamos esse “músculo” que é o cérebro, a verdade é que não somos assim tão diferentes de um não-matemático.

Claro que esta imagem que a sociedade tem dos matemáticos tem vantagens, por exemplo, dá um ar um pouco mítico à atividade matemática, mas também tem desvantagens... No próximo número falarei essencialmente sobre as segundas...